DIÁRIO as beiras
o meu jornal, a minha região

PESSOAS 2030 Cofinanciado pela União Europeia
Conheça a Lista de PROJETOS APROVADOS na sua região, pelo PESSOAS 2030, a 30 de setembro de 2026
40 anos de Portugal na Europa
40 anos a investir nas pessoas
Um Programa para TODAS AS PESSOAS

COMPREENDER A SOCIEDADE OPINIÃO

O que não se discute em Antália

14 de novembro de 2026 às 08 h45



Decorre em Antália, até 20 de novembro, a 31.ª Conferência das Nações Unidas sobre as Alterações Climáticas. É a primeira desde que a saída dos USA do Acordo de Paris produziu efeitos e marca o início do segundo balanço global dos compromissos assumidos em 2015. Muito se tem dito e escrito sobre as COP e os seus insucessos.

Ainda assim, onze anos depois de Paris, a evidência científica continua a sublinhar a urgência de compromissos globais, e é isso que ali se negoceia, desde metas de emissões, mecanismos de financiamento, calendários de transição. São discussões necessárias. Mas há uma questão que tem ficado sistematicamente à margem e que são as condições em que vivem as sociedades a quem se pede que façam essa transição.

Se olharmos à nossa volta, vemos pessoas exaustas, em sobrecarga permanente. Ritmos de vida em aceleração contínua, que se inscrevem no quotidiano e nos corpos sob a forma de ansiedade, insónia, esgotamento. Serviços públicos desgastados, desinvestidos, com sentença de morte

anunciada. Um sofrimento que se tornou banal, ao ponto de já não nos surpreender. Uma sociedade inteira pode estar doente? A pergunta não é nova, nem original. Mas vale a pena pensar nela. Quando o esgotamento passa a ser condição de êxito, quando o cuidado é tratado como custo e o protagonismo individual como virtude, o ajustamento deixa de ser sinal de saúde.A metáfora é forte, mas convém ver além dela. Uma doença acontece-nos, ainda que vários fatores a condicionem. Um modelo de sociedade é construído, sustentado e defendido. Ao descrever o capitalismo contemporâneo como canibal, Nancy Fraser dá conta do peso das estruturas que suplantam os indivíduos: um sistema que devora as condições de que depende, seja a natureza, o trabalho de cuidado, os bens públicos, ou a coesão social. A lógica que esgota os solos, os rios e as florestas é a mesma que esgota as pessoas. Extrair até ao limite, repor o mínimo, transferir os custos para quem menos capacidade tem de os recusar. Não será também por isso que tantos jovens saem à rua, reclamando o direito à habitação, ao trabalho digno e a um futuro que não lhes seja negado? Não reivindicam apenas melhores condições de vida. Lutam pela própria possibilidade de viver, de construir projetos, de imaginar futuros. E essa é também, na sua essência, uma luta socioecológica.

Este esgotamento social, que se expressa em múltiplas dimensões, não é um problema paralelo à crise climática. A transição ecológica exige tempo para mudar hábitos, disponibilidade para participar em decisões coletivas, confiança nas instituições e nos outros, energia para imaginar alternativas. São exatamente estes os recursos que um modo de vida esgotante consome primeiro. Quem trabalha até à exaustão não tem tempo para a assembleia pública ou do seu bairro. Quem vive na precariedade vê frequentemente reduzida a margem para arriscar mudanças. Quem perdeu a confiança no coletivo pode encontrar no individualismo uma forma de proteção. Pedir a sociedades exaustas que protagonizem uma transformação de escala civilizacional é pedir-lhes aquilo que lhes foi retirado. Em Antália negociam-se toneladas de carbono. Não se negocia o modo de vida que retira às pessoas a capacidade de agir, nem o aparato jurídico e policial que, cada vez mais, as silencia quando agem.

Há, ainda assim, razões para esperança. Estudos mostram que em situações de crise predominam a entreajuda e a cooperação, não o pânico nem o salve-se quem puder. Quando as estruturas habituais falham, as pessoas organizam-se

para cuidar umas das outras. O individualismo não é a nossa natureza; é o que um sistema recompensa.

Se assim é, o cuidado não é um tema lateral à política climática. É a sua infraestrutura invisível. Investir em serviços públicos, proteger o tempo das pessoas, valorizar o trabalho de cuidar e reconstruir espaços de encontro são condições constitutivas de uma transição que se pretenda justa e duradoura. Nenhuma meta de emissões será cumprida por sociedades sem fôlego. Ousar o improvável começa talvez aqui, ao reconhecer que, para cuidar do planeta, precisamos de sociedades capazes de cuidar de si.

JORNALISTA
Fátima Alves

Compreender a sociedade Fátima Alves Opinião

Deixe o seu Comentário

O seu email não vai ser publicado. Os requisitos obrigatórios estão identificados com (*).

Comentário

Nome*

Email*